

**BOLETIM
DA**

SOCIEDADE
RORSCHACH
DE SÃO PAULO

Edição Especial

Orgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo
Ano - 1990



SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
Rua Itapeva, 490, cj. 74
Telefone: 289-2067 - São Paulo - SP

QUESTÕES E PROCEDIMENTOS NA CONSTRUÇÃO DO

PSICOGRAMA DE RORSCHACH



Lucia Coelho

Publicação: SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

MEMBROS DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

Presidente

Dra. Lúcia Maria Salvia Coelho

Doutora em Ciências Médicas e Mestre em Filosofia das Ciências

Vice Presidente

Dra. Hilda Clotilde Penteado Morana

Médica Psiquiatra e Mestre em Psicologia

Secretário Geral

Dr. Roberto Fazzani Neto

Médico Psiquiatra e Mestrando em Psicologia

Segundo Secretário

Giselle Budzisz Magalhães Costa

Psicóloga

Tesoureiro

Sheila Camargo Martins

Psicóloga

Comissão Científica

Leda França

Psicóloga

Maria Adelaide de Freitas Caires

Psicóloga

Coordenador - Representante da Área Clínica

Dr. Gilberto Franco

Médico Psiquiatra

Coordenadora - Representante da Área de Ciências Sociais

Dra. Liana Trindade

Doutora em Antropologia

Comissão Editorial

. Diretora Publicações

Prof^ª Dra. Maria Helena C. de Figueiredo Steiner

Livre Docente da Universidade de São Paulo

. Coordenador

Dr. Roberto Fazzani Neto

Médico Psiquiatra e Mestrando em Psicologia

. Assessora

Maria Abigail de Souza

Psicóloga

. Coordenadora de Cursos

Lúcia Rosa Cruz Costa

Psicóloga - Mestrando em Psicologia

. Coordenadora Administrativa

Sonia Ivania Fantauzzi Lobo

Tradutora - Nível Universitário

Exporemos, aqui, uma série de problemas que ocorrem eventualmente ao técnico durante a classificação das respostas e a construção de um psicograma. Já Aníbal Silveira, em seu admirável trabalho sobre o Psicodiagnóstico (1985), delimitou os procedimentos básicos e os fundamentos teóricos que os norteiam. Procuraremos apenas explicitar e ampliar as proposições estabelecidas por Silveira, levando em conta as questões levantadas por nossos alunos durante nossos anos de ensino.

De início, é preciso observar que a codificação de uma resposta decorre do processo psicológico específico que foi mobilizado durante a observação de um estímulo de Rorschach e que resultou na construção de um determinado percepto - expresso verbalmente pelo probando em um contexto interpessoal. Caberá ao examinador efetuar a análise psicológica deste processo, sendo o enunciado verbal ponto de partida para a formulação de hipóteses sobre os fatores psíquicos mobilizados, que irão determinar a codificação formal de resposta. Com este propósito, o examinador deverá ainda levar em conta as informações para-verbais, contidas na expressão gestual e emocional e na duração temporal transcorrida desde a apresentação do estímulo até a expressão da resposta, e durante a própria emissão verbal do conteúdo descrito pelo probando. Um outro aspecto importante para a confirmação das hipóteses sobre os fatores psíquicos mobilizados durante a expressão de

uma determinada resposta, corresponde à observação do contexto intraprotocolar, isto é, quais as associações que a antecedeu e quais aquelas que se seguiram, em uma mesma prancha de Rorschach e, de modo geral, como ela se situa no conjunto de fatores detectados no protocolo total em estudo.

Em seu trabalho de construção do psicograma de Rorschach, o técnico deverá recorrer a seus conhecimentos teóricos sobre os dinamismos psíquicos envolvidos na percepção visual do ser humano. De que modo a atenção, a memória, a emoção e a simbolização concorrem na determinação de um percepto. Não negamos aqui o papel da necessidade e da intuição, que evidentemente intervêm em toda atividade do psicólogo e que serão tanto mais úteis quanto maior for sua experiência profissional. O que ressaltamos é a necessidade de se adotar um modelo teórico preciso e coerente, que deverá nortear todo procedimento científico, desde a colocação de questões e a formalização de hipóteses até a própria interpretação dos fenômenos examinados.

Deste modo, o relatório de uma prova de Rorschach, pautado nos dados do psicograma, deverá assinalar e analisar tanto os dinamismos psicológicos que atuam de modo indireto nas concepções e nas expressões afetivas do examinado quanto suas reações mais evidentes e manifestas às diversas situações.

I - CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS: RECURSOS TÉCNICOS PARA CODIFICAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES COMPLEXAS

Em relação a cada resposta fornecida pelo probando aos estímulos de Rorschach, o examinador deverá investigar quais as áreas que foram relacionadas e que delimitem uma determinada imagem; quais os fatores determinantes de sua construção; qual o significado que lhe foi atribuído através do enunciado verbal e quais os mecanismos inusuais de reação que, por vezes, possam ocorrer. As hipóteses correspondentes deverão ser levantadas na fase inicial das associações fornecidas pelo probando e, em seguida, serão avaliadas durante a fase do inquérito. Daí a grande importância dessa fase da prova, que tem sido tão negligenciada por grande número de aplicadores da prova.

Silveira estabeleceu uma série de recursos técnicos aos quais o examinador deverá recorrer a fim de computar corretamente os dados do protocolo. Mencionaremos, aqui, apenas aqueles de ordem mais geral, deixando para outra ocasião o exame dos procedimentos específicos consoantes às condições psíquicas particulares como aqueles relativos à faixa etária, a diferentes grupos culturais ou a indivíduos com distúrbios psicológicos graves, como os esquizofrênicos psicóticos ou os que apresentam lesões cerebrais.

1. Distinção entre os Fatores Determinantes Centrais e os Secundários na Construção das Imagens

Todos os especialistas na Prova de Rorschach, desde o seu criador, reconhecem a possibilidade de intervir em uma mesma resposta mais de uma fator determinante. Apenas o exame atento do processo perceptual em causa permitirá a distinção de um dos fatores psicológicos como sendo o determinante central da associação, enquanto o outro, embora igualmente mobilizado, exerce um papel secundário.

Conforme já nos referimos, a codificação correspondente aos fatores determinantes da resposta deverá representar o dinamismo psíquico que foi mobilizado durante a construção de uma imagem a partir dos estímulos de Rorschach. No campo das pesquisas sobre os processos cognitivos, tem-se verificado que nas representações mentais, e em particular na elaboração de imagens visuais, os dinamismos psíquicos não se expressam indiferentemente: em cada experiência subjetiva eles mantêm relações de dominância - determinante da imagem central, ficando os demais em plano subsidiário, como componentes acessórios. No caso da Prova de Rorschach, na maioria das vezes as respostas são elaboradas a partir de um fator determinante, podendo, entretanto, ocorrer a convergência de outros fatores que as suscitem.

Se partirmos da premissa que o processo básico de percepção humana corresponde à captação dos aspectos formais do ambiente, consolidado durante a evolução psicológica de integração à realidade, só poderemos admitir a ocorrência de uma verdadeira fusão de diferentes determinantes perceptuais, nos casos em que a captação da forma se associe a outros fatores de ordem cognitiva ou afetiva - traduzem a presença de coeficiente subjetivo. Haverá, nesses casos, quer a absorção da forma pela atividade cognitiva - ligada à impressão perceptiva ou de movimento nas figuras percebidas (Ps, ps e M, m) - quer pela **ressonância afetiva emocional** desencadeada pela apreensão das nuances da luminosidade (L), ou simplesmente pelo reconhecimento de massas concretas claramente delimitadas (FC' ou C'F), ou, enfim, a integração da forma poderá estar presente nas expressões diretas das reações afetivas (FC, CF). Mas, mesmo nestes casos, não ocorre identidade de fatores, há predomínio de um deles. Por outro lado, nos casos em que dinamismos subjetivos diversos concorrem para a elaboração de uma determinada imagem visual - um deles corresponderá ao componente central da imagem enquanto que o outro será acessório de ordem complementar. A impressão que possamos ter de uma homogeneidade decorrente da fusão de dinamismos subjetivos diversos advém exatamente da tradução verbal emitida pelo probando ao enunciar sua resposta. Caberá ao examinador operar a desmontagem do processo de modo a codificá-lo de modo pertinente, e para isto será preciso distinguir as even-

tualidades seguintes:

- a) Presença de componentes duplos durante a fase associativa

De modo a esclarecer tal ocorrência, passaremos a analisar um exemplo fornecido por Anibal Sivilveira (pg. 43):

"Ante a prancha IX, diz um examinando: **'Dois anões que se degladiam'** (partes pardas superiores), e após um instante, **'Bem, são pardos como anões'**."

O dinamismo central mobilizado na construção dessa imagem foi a projeção de um movimento, da atividade atribuída à figura - M representa o fator a ser integrado no psicograma, já em plano subsidiário, embora também atuante, ocorreu a percepção da cor, que particulariza a natureza da figura percebida - anões, e que deverá ser considerada como fator adicional, colocado entre parênteses na codificação de uma única resposta. A confirmação das hipóteses relativas à classificação como M(C) ou como M(FC) apenas poderá ser efetuada durante a fase de inquérito.

Os fatores adicionais assinalados durante a prova deverão ser considerados na análise qualitativa do psicograma, em função do significado que assumem ao se associarem, ficando em plano subsidiário, a fatores centrais específicos. No ca-

so, a expressão subjetiva de ordem afetiva (cor) cedeu passo à construção subjetiva de ordem cognitiva que traduz a elaboração formal de experiências de modo autônomo e acertivo (atribuição de movimento).

- b) Referência a fatores determinantes apenas durante a fase de inquérito e que completem ou modifiquem a hipótese inicial para codificação da resposta.

Na maioria das vezes, esses fatores apenas explicitam os dinamismos já observados pelo examinador durante a fase associativa. No caso de ocorrer um elemento novo, mas apenas complementar ao percepto inicial, um elemento deverá ser representado como fator adicional, como no item "a".

Um exemplo desta ocorrência é dado por Silveira: Prancha X - "Isto me dá a impressão de uma flora, uma composição submarina (G)... Aqui coral, pela cor e mesmo pela conformação (P9), mas principalmente pela cor (espontaneamente). No inquérito: flora pelas cores, vegetação (G) e o coral vermelho. Submarina porque está tudo em suspenso, e ao mesmo tempo aderido e flutuante. Gosto muito de mergulhar e ficar examinando o fundo d'água". A classificação correspondente deve ser G CF (m') Nat. com mecanismo: referência à experiência pessoal. A diversidade das cores deu ao examinando a idéia de flora e de "composição"- o que leva a integrar os estímulos da prancha X

em uma única imagem (G). Associada a ela surge a evocação do mergulho no fundo d'água e percepção de plantas coloridas flutuantes em movimento - indicando o fator adicional expresso como uma atividade cuja fonte é extrínseca ao ser movente (m'). Ambos os fatores determinantes correspondem a dinamismos subjetivos - o principal, de ordem afetiva (CF), e o secundário, como concepções subjetivas, que embora de ordem cognitiva, não se integram aos dados da realidade (m').

- c) Fatores determinantes, mobilizados mas não integrados à construção de imagem.

Observa-se, por vezes, no enunciado verbal do probando, e particularmente em seus comentários complementares, que embora um dinamismo psíquico tenha sido mobilizado durante o processo associativo, ele não é utilizado na construção da imagem. Muitas vezes, esse dinamismo reaparece em outra associação na mesma prancha ou na prancha seguinte, mas, então, como determinante principal. De modo a ressaltar esta ocorrência, para facilitar a avaliação qualitativa do psicograma, convém indicar, ao lado da classificação da resposta, o fator mobilizado considerado como "tendência" e indicado por uma flexa sobre o seu signo correspondente. Ex.: Prancha II em P2: "Pés de bailarina, esticados, fazendo 'ponta' como quando ela dança. Inquérito: Vejo apenas os pés, a forma da ponta e lembro-me de bailarina dançando. Mas ela não está aqui". A

classificação seria P F + pH - pois, para considerarmos uma resposta como determinante pelo fator "movimento humano" é preciso (devido ao próprio significado representado por ele) que o probando projete a cinestesia em uma figura humana percebida como integral e ativa. Nesse caso, caberá apenas indicar a tendência ao fator M, como \vec{M} .

Outros exemplos em que ocorre "tendência" a determinados fatores, tais como movimento animal (\vec{m}) ou perspectiva ($\vec{P\vec{S}}$), seriam aqueles em que na associação livre o probando indica o movimento do animal ou a idéia de terceira dimensão, mas em seguida esclarece que tais imagens correspondem a figuras estáticas ou bi-dimensionais, percebidas como gravuras ou como estátuas.

2. Distinção entre "Figura e Fundo" na Delimitação das Áreas

A delimitação do campo perceptual, efetuada pelo probando ao construir suas imagens a partir dos estímulos do Rorschach, supõe a seletividade da atenção na apreensão dos dados da realidade. Sabemos que os modos mais frequentes, e mesmo básicos, da delimitação das áreas, corresponde às modalidades principais de percepção: G, P e p. Não cabe aqui mencionarmos os critérios de classificação utilizados para cada uma dessas modalidades, mas lembraremos que apenas será classificada co-

mo G a resposta que abrange a prancha toda ou que exclua pequenos pormenores, devido a atitude crítica do probando ao buscar maior conformidade da mancha à imagem evocada (Mecanismo de Crítica à Mancha). Em relação a P, é preciso notar que no caso dos "pormenores atípicos"- em áreas frequentemente selecionadas são utilizadas apenas parcialmente ou combinadas com porções da mancha percebidas mais raramente, a classificação deverá manter-se como P - pois apenas o ângulo de visão ou o modo pelo qual o probando delinea seu campo perceptual é que é original ou atípico, enquanto que o próprio setor selecionado apresenta, como em P, uma gestalt com forte pregnância formal. Nesse caso, classificamos a resposta como P e colocamos entre parênteses o mecanismo inusual ("pormenores atípicos").

Além das modalidades principais da resposta, é possível ocorrer outros tipos de delimitação da área perceptual - as modalidades secundárias.

Elas são consideradas como secundárias tanto pela raridade de sua ocorrência como pelo fato de traduzirem modos subjetivos utilizados pelo probando em sua observação da realidade.

Dentre as modalidades secundárias distinguimos aquelas que revelam originalidade no modo de encarar as experiências (GE e E9 daquelas que refletem dinamismos que se afastam da

observação normal do adulto (p' PG e GP).

Na modalidade GE há uma integração entre a mancha percebida como um todo significativo e o espaço em branco, introduzido como um aspecto complementar da figura interpretada. Nesse caso, distinguimos GE de E e de G, pois cada uma dessas modalidades subentende dinamismo psíquico diverso.

Seguindo os princípios estabelecidos pela gestalt, as manchas são percebidas pela maioria como "figuras", enquanto que o espaço em branco é considerado como "fundo". Entretanto, é possível encontrarmos interpretações em que as construções se invertem - "reversão figura-fundo".

Quando toda a mancha for designada com "fundo", em que se salienta o espaço interpretado como figura, devemos classificar a resposta como E e colocarmos entre parênteses a ocorrência do mecanismo acima referido. A reversão poderá ainda ocorrer em GE no caso em que G corresponder à imagem vaga (ex.: terra, céu, água) e E à imagem principal mais precisa.

Na modalidade E - apenas em determinado espaço em branco é selecionado como figura e, nesse caso, a seletividade da atenção se opera de modo mais subjetivo, ainda que análoga ao que ocorre nas focalizações em P ou em p. Assim, é exatamente

devido ao subjetivismo dominante em E que não distinguimos estatisticamente a ocorrência de diferentes tipos de espaço - que no caso seria equivalente ao critério de distinção entre P e p, modalidades cuja incidência justifica a avaliação estatística.

De modo diverso do que ocorre com a modalidade GE, onde há real integração dos estímulos, a modalidade E se acompanha, por vezes, de pormenores (P ou p) das manchas. Nesse caso, a figura dominante tanto poderá ser o espaço - e nesse caso a área da mancha ficará assinalada entre parênteses, como a própria mancha servirá como foco central para a construção da imagem, enquanto ao espaço corresponderá um aspecto parcial ou subsidiário da interpretação - nesse caso será E que ficará entre parênteses. Mas em ambos os casos ocorre uma divisão da atenção entre a figura e o fundo e não propriamente uma interpretação como em GE.

Dentre as modalidades secundárias, E é a que ocorre com maior frequência, daí o fato de Silveira estabelecer a expectativa de 2,5% para essa modalidade, enquanto o conjunto dos restantes (GE, p', PG e GP) terá uma expectativa de 2,5%.

Para que uma modalidade secundária seja registrada no "índice de percepção" é necessário que sua ocorrência supere de 100% a expectativa teórica.

II - ARTIFÍCIOS TÉCNICOS QUE INTEGRAM EVENTOS ESPECIAIS NO PSICOGRAMA

1. Ocorrência de Novas Associações na Fase de Inquérito

Como refere Silveira, é relativamente frequente o fato do examinando, ao rever as pranchas durante o inquérito, relate novas associações. Em geral, elas ocorrem em pequeno número e surgem espontaneamente, como se a prova ainda estivesse na fase associativa.

Estas respostas não devem ser incluídas no psicograma, exceto no caso do probando mencionar que já havia percebido as imagens embora não as tivesse comunicado ao examinador durante a fase associativa. Um exemplo desse último caso é-nos referido por Silveira: Prancha X "... isto aqui parece um fogão, com chaminé e tudo: dessas lareiras (P11) - No inquérito: dois animais aquecendo-se ao fogo. (P8) - dois animais quaisquer, já estavam ali quando vi a lareira e por isso digo que estão se aquecendo ao fogo. Não falei antes porque já era muita coisa". Nesse caso a classificação deverá ser P F - Arq. e P F + A (\bar{m}).

Já as respostas que apenas surgirem durante a fase de inquérito deverão ser consideradas como adicionais, colocadas entre parênteses, não incluídas no cálculo dos índices e ape-

Ainda nesse item, devemos considerar os casos em que as respostas do inquérito surgem como retificações àquelas produzidas durante a fase associativa. Então, será preciso distinguir as retificações que não alterem os dinamismos implícitos nas respostas iniciais - de modo que tanto o conteúdo genérico como o determinante permanece o mesmo (ex: inquérito: "Não é bem uma mosca, mas um besouro"), sendo ambos P F + A; daqueles que de fato esclarecem e tornam mais evidentes os dinamismos que as suscitaram. Nesse último caso, a "retificação" preenche o objetivo do inquérito e serve como indicador para a classificação correta.

Mas há ainda um terceiro tipo de "retificação" - aquela que revela a intenção do probando em modificar durante o inquérito uma construção inicialmente espontânea. Ex.: Prancha I - "Morcego voando em atitude agressiva" (G). Inquérito: "Curioso, agora já não vejo mais o morcego agressivo ! Ele está em atitude estática, dormindo ou morto". Prevalece o dinamismo revelado na associação inicial, tal como confirmado e em seguida retificado pelo probando durante o inquérito. Assinalemos ao lado o mecanismo: "Tentativa de controle do impulso inicial".

2. Respostas cuja Expressão Verbal é Aparentemente Unitária, mas que na Realidade Abrangem Dinamismos Diversos

Por vezes, um mesmo enunciado verbal pode abranger experiências perceptuais distintas, constituindo na realidade a expressão cognitiva de duas respostas e, não raro, de mais. Nesses casos, devemos recorrer ao artifício técnico designado como "desdobramento".

O recurso ao desdobramento deverá ser utilizado nas eventualidades seguintes:

- a) Conceitos enunciados de modo geral, em que alguns dos perceptos correspondem a formas frequentes e os demais a uma forma de má qualidade ou pouco frequente. Isto ocorre em geral na prancha X. Por exemplo: "Uma idéia de conjuntos: circundando este maciço central (P9), vários animais marinhos; caranguejos e alguns desses caranguejos do rio (G). No inquérito esclarece: pelos tipos dos animais, "caranguejos do mar" - caranguejos em P1 é vulgar, em outros pormenores corresponde a F -. Donde o desdobramento: G F - A e P F + A V. Porque na idéia geral de caranguejos prevalece a percepção de ordem mais subjetiva, enquanto que em P1 ela é precisa e frequentemente "re-

conhecida" como representando um animal. Trata-se de dinamis-
mos diversos que deverão ser codificados.

Em outros casos, determinantes diferentes são mobiliza-
dos em relação a diferentes aspectos das manchas. Ex.: Prancha X - "Uma festa de carnaval com dois homens dançando" (G e P9). Inquérito: "Idéia de festa porque tem cores vivas, variadas. Parece uma coisa alegre - esse conjunto todo. Aqui, homens dançam se aproximando" (P9). Dando G CF art e P M F.

- b) Conceitos que abrangem categorias e determinantes diversos, mas que se adicionam na expressão verbal:
Ex.: Prancha II - "Uma nave espacial Ex.: Prancha II - "Uma nave espacial (ES) com fogo saindo por baixo" (P3). No inquérito menciona a forma da nave e a idéia de fogo pelo vermelho - "Como chamas". (Não refere movimento). Logo, a classificação deverá ser: E F + ml e P C F fg, pois a idéia da "nave espacial" foi sugerida pela forma, independentemente da presença do fogo. A percepção do vermelho, sugerindo chamas, foi adicionada mas não integrada em um mesmo dinamismo. Por isso não codificamos a resposta como E(P) F + (CF) ml.

3. Respostas Semelhantes Resultantes da Referência Exaustiva a Pormenores Diversos mas Correspondendo a Dinamismos Idênticos.

Há casos de protocolos em que se sucedem uma série de respostas semelhantes, como se o probando se empenhasse de modo compulsivo a interpretar cada porção do estímulo que lhe é apresentado. Ocorrerá, então, um número elevado de associações em diferentes p ou P, com o mesmo fator determinante e conteúdos análogos. Nesse caso, o número de respostas ficará aumentado sem implicar na ocorrência de dinamismos diversos mas afins, indicando desperdício de energia a qual o probando é compelido na vida cotidiana. Caberá, então, a utilização do artifício de "fusão" - onde reunimos associações consecutivas semelhantes numa classificação única, e assinalamos ao lado "repetição" ou "perseveração compulsiva" (formas vagas ou de má qualidade formal, pouco elaboradas e decorrentes do impulso irresistível a reagir diante de qualquer estimulação). No caso em que as respostas que se sucedem exigirem maior fixação da atenção, com descrição pormenorizada dos aspectos mais insignificantes, de boa qualidade formal, teremos de recorrer à "fusão", como no caso anterior, porém, seguida da indicação: "perseveração do tipo obsessivo". Os comentários críticos, relativos à falta de precisão das nuances ou à sua simetria, são igualmente frequentes em protocolos desse tipo.

O recurso ao artifício da fusão de respostas acarreta, como é evidente, a supressão de um certo número de associações, mas não compromete o estudo da personalidade. De fato, como observa Silveira, a própria condição que supõe o apelo ao recurso já é indicativa de uma reação peculiar do probando. Além disso, esse artifício é utilizado em protocolos onde o número de respostas permanece elevado mesmo após a fusão.

Cabe, aqui, mencionar que, diante destas evidências de reação dispersiva, o examinador deverá repetir sua explicação ao probando sobre a natureza da tarefa que se lhe apresenta durante a prova. Caso este não consiga controlar seu impulso e continuar a encadear associações semelhantes, o probando deverá ser interrompido gentilmente com afirmativas do gênero: "Está bem assim, já é suficiente", passando-lhe, então, a prancha seguinte.

A interação de respostas que impõe o recurso à fusão não deve ser confundida com a perseveração do conteúdo ou com a perseveração temática, que sugerem a ocorrência de preocupações prevalentes, exigindo um outro tipo de procedimento técnico que mencionaremos a seguir.

4. Bloqueio ou Concentração de Respostas

A inibição do processo associativo, por insegurança ou

decorrente de intensa repercussão emocional, ou, por outro lado, a concentração de respostas em uma determinada categoria de conteúdos, são fenômenos de ocorrência relativamente frequentes.

No primeiro caso, a pobreza associativa não deve advir como decorrência de uma atitude generalizada de tensão emocional diante da prova, ou de falta de motivação em realizá-la. Essas eventualidades revelariam uma falha técnica do examinador. De fato, não se deve aplicar a Prova de Rorschach sob tais circunstâncias. Caberá ao examinador efetuar uma entrevista prévia, de ordem informal, de modo a propiciar um clima de relaxamento de tensão psicológica, de espontaneidade no contato interpessoal. Evitando abordar os temas sensíveis de conflitos, pois que a Prova de Rorschach deverá ser efetuada "às cegas", o examinador poderá indagar sobre as condições gerais da existência cotidiana do probando: desempenho profissional, escolaridade, hábitos de lazer. No caso do examinador observar que o probando está relutante ou desinteressado em realizar a prova, deverá reafirmar o caráter sigiloso dos resultados e, ao mesmo tempo, apontar as vantagens do auto-conhecimento e a natureza da tarefa que lhe será solicitada durante o Rorschach.

Muitas vezes, em função da atitude do probando, o examinador deverá transferir a aplicação do Rorschach para uma ou-

tra ocasião, prolongando sua entrevista de modo a atenuar a insegurança ou despertar o interesse do indivíduo em realizar a prova.

Excluindo-se tais eventualidades, isto é, quando a insegurança do probando advir de sensação de responsabilidade ou de timidez em expressar-se verbalmente, a conduta preconizada por Silveira consiste na repassagem imediata da prova, após a fase associativa (que se revela, no caso, pouco produtiva e cheia de reticências), como se a série fosse de vinte pranchas. A pertinência da utilização de tal recurso foi avaliada por Silveira no estudo de casos semelhantes selecionados durante sua experiência de trinta e cinco anos com o Rorschach.

Em função da intensidade e da extensão do bloqueio associado, devemos recorrer a variantes do procedimento de repassagem:

1ª Variante: Revisão Simples das Dez Pranchas

No caso em que o número total de associações for igual ou inferior a quinze respostas, mesmo que não tenha havido rejeição de prancha, não passamos diretamente a fase de inquérito. Fazemos notar ao probando que, muitas vezes, terminada a apresentação das dez pranchas, acodem a algumas pessoas idéias diferentes ao revê-las, o que, entretanto, não

acontece necessariamente. Em seguida, reapresentamos as pranchas em sua seqüência padronizada, estimulando o surgimento de novas associações.

A utilidade desse recurso prende-se ao fato assinalado por diferentes autores que, em número reduzido de respostas diminui a segurança das interpretações baseadas no psicograma. Além disso, devemos comprovar a incapacidade real e não meramente circunstancial, do probando em construir imagens a partir dos estímulos do Rorschach, já que em número inferior a quinze respostas constitui um dos sinais de série lesional, estabelecida pelas investigações de Piotrowski e confirmada por outros especialistas no Rorschach.

A repassagem das dez pranchas permitirá a construção de dois psicogramas: o primeiro baseado no protocolo com número reduzido de respostas; o segundo, obtido a partir do protocolo após repassagem, em que se adiciona as respostas do primeiro. A interpretação baseia-se nos dados do psicograma composto, utilizando-se as informações, para confronto do psicograma inicial. A avaliação do tempo total para cada prancha, no protocolo composto, adiciona o tempo calculado na fase associativa ao tempo transcorrido durante a sua repassagem.

O recurso à repassagem das dez pranchas também será utilizado no caso do probando ter rejeitado três ou mais pran-

chas, independentemente do número de associações ocorridas nas demais. Quando, durante a repassagem, o probando conseguir dar ao menos uma resposta na prancha anteriormente rejeitada, o mecanismo a ser assinalado deverá ser "inibição" e não mais "rejeição".

2ª Variante: Repassagem Exclusiva das Pranchas Rejeitadas

Nos casos em que apenas uma ou duas pranchas foram rejeitadas, ou quando nelas ocorrer uma redução quantitativa e qualitativa de associações, em comparação com o que se observa nas pranchas restantes, o procedimento a ser utilizado será o de repassagem (imediatamente após o término da fase associativa) apenas das pranchas em questão.

Quando a rejeição tiver apenas ocorrido nas duas últimas pranchas, ou apenas na X, deve-se utilizar o procedimento anterior, isto é, a repassagem das dez pranchas com o propósito de se restabelecer o ritmo associativo da série, o que irá facilitar a atenuação do bloqueio e a elaboração de respostas nos estímulos às pranchas finais.

a) Repassagem com Recomendações Específicas

Quando o probando revela interesse prevalente ou apreen-

são focalizada em suas próprias condições somáticas ou existenciais, tal fato se traduzirá no protocolo de Rorschach pela perseveração de conteúdos ou de temas particulares. Com maior frequência, nesses casos, iremos encontrar perseveração de respostas de anatomia, sexo e, por vezes, pormenores humanos ou de temas relacionados à morte, a doenças, a magia, ao nascimento.

Se, mesmo após a reiteração sobre a natureza da tarefa que dele se solicita durante a prova o examinando prosseguir em sua perseveração de conteúdos, o examinador deverá recorrer ao recurso da repassagem das dez pranchas, após recomendar-lhe que procure encontrar novas imagens, excluindo aquelas que foram perseveradas.

A perseveração de conteúdo pode ocorrer em decorrência de interesses prevalentes (como, por exemplo, no caso dos conteúdos diretamente relacionados à profissão do probando) em uma determinada área de experiência, demasiadamente restrita ou, como já nos referimos, como expressão de um tópico emocional que domina, em um dado momento, o seu psiquismo. Em ambos os casos, o exame do protocolo deverá incluir a análise do tipo de determinante (e de sua qualidade formal) associada ao conteúdo perseverado e, também, às áreas de manchas que foram utilizadas para a construção dessas imagens. Tal análise permitirá uma interpretação mais fiável e profunda do di-

namismo emocional em jogo.

Com a utilização deste artifício obteremos três protocolos distintos que deverão ser confrontados entre si. O protocolo inicial, onde os conteúdos das respostas se concentram predominantemente em uma única categoria; aquele obtido após a repassagem das pranchas, quando se procura avaliar as respostas perseveradas; e um terceiro protocolo composto a posteriori, em que o examinador adiciona as respostas do protocolo inicial àquelas novas respostas obtidas durante a repassagem. Teremos, então, parâmetros para o exame do modo com que uma preocupação prevalente acarreta desvios nos índices do psicograma e, portanto, nas expressões psicológicas que esses traduzem e quais os potenciais para integração ao ambiente revelados pelo probando através de um esforço consciente em mobilizar seus recursos subjetivos ainda disponíveis (confronto entre o primeiro e o segundo protocolo). A análise do terceiro protocolo deverá ser objeto de uma interpretação mais extensa, pois se expressam os vários níveis de fatores que compõem a dinâmica de personalidade.

Embora se afaste um pouco do propósito desta monografia, será interessante mencionar que em nossa tentativa de sistematização do Rorschach consensual, utilizamos um procedimento baseado, em parte, neste recurso técnico concluído por Anibal Silveira. Assim, por exemplo, no Rorschach consensual de ca-

sais confrontamos o protocolo de cada um dos cônjuges com o protocolo consensual. Desse modo, poderemos verificar quais os dinamismos similares ou convergentes e quais aqueles divergentes ou conflituais em relação ao "contexto conjugal". Constatamos que protocolos de casais podem apresentar dados comuns ou pelo menos complementares, e outros que nos elucidam a natureza do conflito que possa existir em seu convívio familiar.



III - REVALIDAÇÃO DOS DADOS DA PROVA E EXAME DAS MODIFICAÇÕES QUE POSSAM INCIDIR NA DINÂMICA DE PERSONALIDADE

A repetição da prova de Rorschach, com intervalos diversos de aplicação, já foi efetuada pelo seu criador e vem sendo feita por diferentes especialistas. O intuito deste procedimento não é exclusivamente o de revalidar as informações detidas na primeira aplicação - como no caso de confirmação de diagnósticos ou controle de pareceres por suspeita de simulação, em laudos judiciais -, mas também de avaliar o modo e a extensão com que experiências novas para um determinado indivíduo acarretam modificação em sua dinâmica de personalidade. Pesquisas sobre os efeitos terapêuticos, sobre as decorrências do processo de aculturação, sobre os distúrbios provocados após experiência traumática, ou simplesmente sobre eventos naturais da existência humana - como passagem da idade, procriação, ingresso em uma carreira profissional - tem utilizado com sucesso tal procedimento.

Em nossas pesquisas tivemos ocasião de verificar quais os aspectos mais estáveis do psicograma e quais que sofreram transformações significativas após experiências de vida fundamentais ocorridas em diferentes probandos.

Quanto ao lapso de tempo que deverá mediar as provas, seguimos o que preconiza Silveira, isto é, um intervalo de

vinte dias a um mês - quando se trata de revalidação de informações. Se as aplicações forem muito próximas, a evocação das respostas poderão interferir no novo protocolo e se muito distantes, surgirão elementos demasiadamente heterogêneos para comparação fiável.

